

Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003

Tema 5: As subjetividades contemporâneas

Sub-tema 5 b: As outras modalidades de filiação e aliança; o gênero sexual

## **A Psicanálise e as novas formas de subjetivação e de sexualidade \***

### **A construção fálica-edípica: Uma teoria da diferença?**

Regina Neri \*

#### **Resumo:**

À partir do questionamento de Foucault e de Deleuze & Guattari à coordenadas universais da teoria do desejo na psicanálise, discutimos os limites da construção fálica-edípica para pensar a diferença. Em que medida a psicanálise se configura como subversão ou nova metafísica do sujeito e do sexo?

**Palavras Chaves:** sexualidade, dialética fálica, novas cartografias da diferença

Na passagem do século XIX ao XX, a psicanálise se inaugura em torno de uma interrogação sobre a crise do sujeito clássico da razão. Ao descentrar o sujeito da consciência filosófica para o inconsciente, deslocar o corpo anatômico da razão científica para o corpo erógeno e subverter o instinto pré-determinado pela plasticidade da pulsão sexual, ela aponta para a crise das identidades fixas que marca a modernidade. A psicanálise vem, assim, contribuir de forma determinante para pensar os processos de subjetivação e sexuação do sujeito na cultura, constituindo-se segundo Fraise (1995) como primeiro discurso a colocar no âmago de sua interrogação a questão da diferença sexual.<sup>1</sup>

O século XXI encontra-se perpassado pela interrogação sobre a diferença sexual instaurada pela modernidade. Apesar de antigas representações do feminino e do masculino ainda se manterem, assistimos a um vivo questionamento sobre a diferença sexual. A diferença teria

---

\* Este trabalho faz parte de uma pesquisa iniciada no doutorado e que se desdobra no âmbito de uma bolsa do CNPq junto ao Núcleo de Estudos da Subjetividade da Pós Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.

\* Psicanalista, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, doutora em Teoria Psicanalítica pelo Instituto de Psicologia da UFRJ, bolsista pesquisadora do CNPq.

<sup>1</sup> Como mostra Fraise essa questão era tratada de modo periférico pelo discurso filosófico.

necessariamente de se manter atrelada à oposição dialética masculino/feminino ou nos encontramos diante da produção de novas cartografias da diferença? Nesse contexto, cabe aos psicanalistas se colocarem na escuta de seu tempo.

Como assinala Pontalys (1994), a potência do texto freudiano reside no fato de não ter cedido a tentação de se erigir como um sistema, mantendo-se como uma obra aberta, inacabada. Segundo Foucault (1983), Freud teria produzido “um texto transdiscursivo” que se abre para uma possibilidade ilimitada de discursos. Nessa perspectiva, entendemos a interlocução crítica de Deleuze & Guattari bem como a de Foucault com a psicanálise, como vindo testemunhar sobre o estatuto do texto freudiano como operador de discursividades.<sup>2</sup>

O pensamento de Deleuze & Guattari e Foucault, por caminhos singulares, assinalam, na contemporaneidade, uma ruptura definitiva com os pontos de vistas universalisantes e metafísicos sobre o sujeito e o sexo. Ao desconstruírem a categoria de sujeito para pensarem a subjetividade como máquinas de produção desejante ou formas de subjetivação que se produzem em um jogo incessante entre poderes, formações discursivas e agenciamentos libidinais, suas obras endereçam um questionamento instigante para o campo psicanalítico: discurso de subversão do sujeito do cogito cartesiano ou “nova metafísica do sujeito e do sexo” ?<sup>3</sup> Haveria ainda uma ontologia do sujeito na psicanálise?<sup>4</sup>

A genealogia foucaultiana coloca uma questão crucial ao discurso psicanalítico: Teoria universal do sujeito, ou produção discursiva histórica? Cabe à Psicanálise se interrogar em que medida a construção fálico- edípica como eixo determinante do processo de subjetivação e sexualização pode ser considerada como um postulado universal ou se configuraria como uma forma de subjetivação de uma determinada cultura. É tarefa da psicanálise refletir sobre os impasses de sua teoria da subjetivação e sexualização referida à renúncia pulsional em nome da lei, na medida que esse projeto civilizatório parece ter conduzido a modelos soberanos de exclusão da diferença e no qual

---

<sup>2</sup> Para o aprofundamento dessa questão ver Neri (2003).

<sup>3</sup> A expressão é de F. Collin.

a renúncia pulsional retorna sobre a forma de barbárie <sup>5</sup> Em que medida a psicanálise pode contribuir para pensar novas formas de subjetivação e de laços sociais não referidas a um modelo transcendente e que possam acolher singularidades e diferenças?

### **A construção fálica-edípica: Uma teoria da diferença?**

Nossa discussão sobre a teoria da diferença sexual na psicanálise vem testemunhar da existência de um campo teórico de questionamento do referencial fálico- edípico como eixo central de subjetivação e de erotização e que tenta pensar a diferença como singularidade, para além do determinismo anatômico e do determinismo universal fálico. <sup>6</sup>

Nunca é demais lembrar a ousadia de Freud e de Lacan ao desafiarem os discursos dominantes fora e dentro da psicanálise, fazendo da escuta do mal estar de seu tempo uma exigência de produção teórica. Portanto, nos distanciando seja dos que temem qualquer questionamento como uma ameaça à psicanálise, seja dos arautos apressados do fim da psicanálise, a perspectiva é de uma aposta na potência subversiva do discurso psicanalítico para pensar as formas de estar do sujeito na cultura, acreditando na sua capacidade de escuta das novas formas de vida e de sexualidade. No entanto, para realizar tal tarefa, é preciso se colocar em guarda em relação a operações apressadas de "modernização da psicanálise". Ao fazer economia de um questionamento rigoroso no interior do corpo teórico psicanalítico, essa política de acomodação da psicanálise aos ares do nosso tempo, não faz juz à riqueza do arcabouço conceitual que a psicanálise acumulou ao longo de sua história e que nos convida a sua problematização e potencialização.

Ao criticar a hipótese repressiva que concebe as relações entre o poder e a sexualidade como da ordem da repressão – o poder reprime o sexo –, Foucault (1976) evidencia no século XIX, uma estratégia do poder que visa menos reprimir do que produzir discursos sobre o sexo. Se o discurso psicanalítico se configura como um dos dispositivos das ciências sexuais, a teoria do sujeito e do desejo na psicanálise está ainda atrelada à hipótese

---

<sup>4</sup> A esse respeito ver Borch- Jacobsen, *Le sujet freudien, du politique à l'éthique*. Cahiers Confrontation 20, Paris, Aubier, 1989.

<sup>5</sup> A formulação é de Menegat (2003:103).

<sup>6</sup> Trabalho de potencialização dos conceitos freudianos de pulsão parcial perverso polimorfa e de feminilidade.

repressiva e a uma concepção jurídica do poder, mesmo se para a psicanálise, a lei que reprime a sexualidade incita igualmente o desejo. Como assinala Rajchman (1994), a psicanálise teria uma teoria do sujeito distinta de uma história de subjetivações, na qual subsistiria a concepção de um sujeito determinado por uma ordem simbólica universal a – histórica, referida a mitos universais fundadores do sujeito e da cultura. Em Freud, uma pré-história fictícia do pai primevo, reinterpretada por Lacan em termos de estrutura e da articulação primordial do desejo à lei paterna.

Historicizar o discurso psicanalítico implica em situá-lo no contexto de sua emergência - a passagem do século XIX ao XX - para avaliar seus pontos de ruptura e de continuidade em relação aos discursos vigentes, bem como colocá-lo em interlocução com as produções discursivas contemporâneas.

Em outros trabalhos,<sup>7</sup> a partir de uma crítica aos impasses da teoria da sexualidade feminina em Freud e Lacan, procuramos evidenciar que a teoria fálica- edípica tem no masculino sua figura paradigmática, não se configurando como uma teoria sobre a diferença, mas como uma teoria masculina sobre a diferença,<sup>8</sup> na medida que a diferença é pensada em termos de uma dialética que gira em torno de um único referencial, o falo. Nessa dialética, que instaura uma divisão masculino- ativo- fálico / feminino- passivo- castrado, o feminino como alteridade só pode comparecer como sub-sujeito, “um a menos” (castrado e invejoso em Freud) ou “um a mais” (bi-gozo em Lacan), sempre determinado pelo universal fálico.

No que concerne a teoria de Lacan, nos parece que na tentativa de formular uma concepção do sujeito e da sexualidade desvinculada do naturalismo, sua leitura estruturalista do falo como significante da metáfora paterna, que desde o início ordenaria a subjetividade e a diferença sexual, conduz a um atrelamento ainda maior da sexualidade a uma referência simbólica universal, colocada como um princípio metafísico. Assim, apesar da constatação que a lógica fálica foraclui o feminino, todo seu trabalho vai no sentido de afirmá-la.

---

<sup>7</sup> Ver Neri (1999), (2002). Ver também Arán (2001)

<sup>8</sup> O monismo fálico se encontra em linha direta com o modelo teológico em vigor desde a Antiguidade, que postula a existência de um único sexo, o masculino, o feminino sendo um masculino imperfeito.

Na releitura da dialética freudiana proposta por Lacan em “A significação do falo” (1966), “se o homem tem o falo, a mulher por não ter o pênis é o falo”, se Lacan opera o deslocamento do feminino do pólo invejoso castrado é para lhe oferecer o pólo de objeto fetiche do desejo masculino. A mascarada fálica explicitando, assim, a função do falo menos como operador simbólico e mais como objeto fetiche para ambos os sexos. Como mostra Lacan, na comédia fálica homens e mulheres não se relacionam entre si, mas com o falo: desse modo o homem ama a mulher de forma fetichista, seu desejo de falo fará surgir seu significante numa mulher que pode significar o falo, seja como virgem ou prostituta. Do lado feminino, o falo determina à mulher de se colocar como objeto fetiche do desejo masculino: é para ser o falo, o significante do desejo do Outro que a mulher vai rejeitar uma parte essencial da feminilidade (Lacan, op. cit., p.694).

Finalmente, no Seminário “Mais, Ainda” (1993) Lacan se propõe a pensar o feminino para além do fálico e da castração, formulando-o como uma sexualidade dividida, com um bi-goço. No entanto, como sublinha David-Ménard (1998), o ponto de partida das fórmulas quânticas da sexuação que ele propõe para pensar a diferença sexual é dada pela proposição universal do falicismo. Nessa releitura do mito freudiano do Totem e tabu, na qual só os homens formam conjunto, ou seja, fazem laço social, fica reservado para a mulher o lugar de excesso e de limite a esse funcionamento simbólico, mas esse gozo a mais, essa exceção a ordem fálica não se inscreve na cultura. Como ele afirma, não há mulher senão excluída pela natureza das coisas, que é a natureza das palavras, simplesmente elas não sabem o que dizem, é toda a diferença que há entre elas e eu.(Lacan: 99). Assim, nada resta para a querida mulher a não ser fazer semblante de homem, já que a linguagem a situa fora daquilo que se pode dizer, isto é, que pode ser dito pelo significante fálico.<sup>9</sup>

Os argumentos psicanalíticos em prol de uma dessexualização do falo, alçado ao estatuto de uma instância simbólica, não fazem que reiterar uma longa tradição da metafísica dos sexos que desde o monismo aristotélico galênico, instaura no pensamento filosófico uma dicotomia masculino- logos-

---

<sup>9</sup> Para aprofundar essa questão ver David- Ménard (1998), Neri (1999), Arán, 2001.

cultura versus feminino- natureza- sexo, pela qual o masculino ao se promover como instância fundadora se apresenta justamente como despojado de sexo, neutro.<sup>10</sup>

Trata-se de medir, no entender de Schneider (2000), o que a psicanálise avançou sobre o discurso essencialista do século XIX, ao deslocar o determinismo sexual anatômico para um determinismo simbólico universal fálico.

### **A psicanálise: Subversão da identidade ou política identitária?**

No intuito de continuar problematizando a questão da diferença sexual, pretendemos trazer algumas questões levantadas por Foucault e Butler no que concerne a dialética fálica- edípica e a interdição do incesto.

Segundo Foucault (1976), a psicanálise, ao dar voz a uma sexualidade disruptiva à lei, propondo-se a levantar o recalque e articular o desejo incestuoso, formula como princípio de formação e inteligibilidade dessa sexualidade, o respeito à lei da aliança e da interdição do incesto, apresentando-se, assim, como um discurso exemplar da costura dos dois dispositivos: o da aliança e o da sexualidade. Para o autor, se, no século XX, o ocidente se interessou tanto pela interdição do incesto como ponto de passagem obrigatório para a cultura, é, para se defender da extensão dos dispositivos da sexualidade emergentes, cujos inconvenientes eram o de relativizarem as leis da aliança baseadas na interdição do incesto.

Butler (2003), nos rastros da genealogia foucaultiana, vem mostrar como o simbólico estruturalista centrado em torno da interdição do incesto se configura como um mecanismo que tenta impor identidades de gêneros no âmbito de uma estrutura heterossexual: a estrutura proibitiva instala a heterossexualidade compulsória no interior de uma economia sexual masculinista.<sup>11</sup>

O discurso estruturalista ao se referir à lei no singular afirma a existência de uma estrutura universal da troca reguladora que caracteriza todos os sistemas de parentesco: as mulheres são o objeto da troca que consolida e diferencia as relações de parentesco, sendo ofertadas como dote. No matrimônio a mulher não se qualifica como uma identidade, mas assegura a

---

<sup>10</sup> Ver Fraisse (1995), Sissa (2000).

<sup>11</sup> As idéias discutidas nesse tópico estão referidas ao capítulo 2 do livro de Butler, op. cit.

reprodução do nome patronímico e viabiliza o intercuro simbólico entre a clã dos homens, sendo, desse modo, excluídas do significante do próprio sobrenome que portam.

A sistematicidade estrutural das relações de parentesco faz apelo a uma lei universal que parece fundamentar as relações humanas. Mas que relação institui as mulheres como objeto de troca? Que tipo de mecanismo distribui as funções do masculino e feminino desse modo? Com efeito as relações entre as clãs patrilineares são baseadas numa economia falocêntrica que concerne os laços sociais entre homens, mas que se dá por intermédio da troca e da distribuição heterossexual das mulheres. Assim, a regra da exogamia<sup>12</sup> é expressão de um desejo homosocial de manter os homens vinculados deixando ver uma ligação entre o tabu do incesto e a consolidação dos laços homoeróticos.

Por outro lado, a lei que proíbe o incesto é o lócus da economia de parentesco, que proíbe a endogamia, produzindo uma heterossexualidade não incestuosa, exogâmica, obtida mediante a proibição de uma sexualidade mais irrestrita. De novo, o tabu contra o ato do incesto heterossexual entre filho e mãe instala-se como uma verdade universal. Mas como se constitui a heterossexualidade como matriz ostensivamente natural e pré-artificial do desejo? E de que modo se estabelece o desejo como prerrogativa heterossexual masculina? Para Butler, na perspectiva fundadora do estruturalismo, a naturalização da heterossexualidade e da agência sexual masculina são construções discursivas em parte alguma explicadas, mas em toda parte presumidas. Através de uma crítica genealógica pode-se perguntar: produziria a lei essas posições invariavelmente?

A apropriação lacaniana do estruturalismo está centrada na lei da proibição do incesto e na regra da exogamia na produção da cultura entendida como um conjunto de estruturas e significações lingüísticas. A fala só emerge pela insatisfação instituída pela interdição; a linguagem sendo o deslocamento metonímico desse desejo insatisfeito, a produção cultural de uma sublimação que nunca satisfaz realmente.

---

<sup>12</sup> Regra que assegura pela troca de mulheres que o casamento se faça entre os membros de clã diferentes.

Como indaga Butler, se não há realidade pré-discursiva e lugar anterior à lei que possa ser recuperado, porque a nostalgia da plenitude perdida do gozo que permeia seu trabalho? A perda não poderia ser compreendida como perda, a menos que a própria inacessibilidade ao prazer em questão não designasse um passado barrado do presente pela lei interditora.

Assim, emerge uma questão: que credibilidade pode ser dada a uma explicação do simbólico que exige conformidade a uma lei que não abre para o desejo nenhum espaço de flexibilidade para sua reformulação na cultura em formas de maior plasticidade, na medida que a injunção de tornar-se sexuado nos modos prescritos pelo simbólico parece levar sempre a insatisfação, configurando o desejo como uma espécie de transcendência que eclipsa a sexualidade? (Butler:90). Ao colocar o simbólico como aquilo que funciona para o sujeito humano como uma divindade determinante que impõe o sentido de sua limitação diante da lei, ao mesmo tempo que o torna culpado diante do seu desejo de infligir a lei, essa estrutura de tragédia religiosa mina qualquer estratégia de política cultural para configurar alternativas para o jogo dos desejos (idem:90).

Por último, essa lei interditora que produz uma cisão fundamental que torna o sujeito dividido estabelece a dualidade dos sexos. Porque esse foco exclusivo na divisão em dois? Como sublinha Butler, as singularidade e diferenças das práticas heterossexual, homossexual e bissexual e entre elas não só são suprimidas no interior da estrutura reificada do binário disjuntivo e assimétrico do masculino/ feminino, sendo também negado a essas novas configurações culturais de gênero o valor de uma prática de intervenção, denúncia e deslocamento dessas reificações (idem:57).

Como mostra Schneider(2000), confrontada à crise atual que coloca em questão os recortes dos territórios sexuais masculino feminino, a psicanálise mantém uma posição aparentemente inabalável, considerando-a como tentativa de evitar a castração, ameaça ao simbólico que conduziria à indiferenciação e à desordem .

É o que vem constatar igualmente Roudinesco (2003), cujo recente livro é rico de informações sobre a oposição de numerosos analistas da IPA e do campo lacaniano ao pacto civil de solidariedade, lei votada na França em 1999, que permite a casais heterossexuais e homossexuais legalizarem sua união

por um contrato. Embora criticando o conservadorismo da comunidade psicanalítica, soa estranho sua argumentação a favor do pacto ao considerá-lo “como uma confirmação do desejo de normalização por parte dos homossexuais” (Roudinesco:7) que aponta para o fato que a família seja reinvidicada “como único valor seguro e única instância capaz de favorecer uma nova ordem simbólica “ (idem:197)

Ora, como mostra Arán,<sup>13</sup> é justamente essa ordem simbólica vigente que o Pacts vem colocar em questão: o que está em jogo não é um desejo de normalização e sim uma tentativa de sair de um registro da luta pela tolerância, para adquirir pelo direito civil um reconhecimento público da existência de um laço afetivo- sexual entre homossexuais. Como ela sublinha: é como se a sociedade tolerasse essa prática desde que no âmbito privado, permanecendo à sombra do que se pretende a norma, contanto que não coloque em questão a ordem vigente: a família nuclear e a heterossexualidade.

Assim, a questão de Butler endereçada à comunidade psicanalítica nos parece extremamente pertinente: Seria a psicanálise uma teoria anti-fundamentalista ao afirmar a complexidade sexual que desregula códigos sexuais rígidos e hierárquicos ou preservaria ela um conjunto de suposições não confessadas sobre os fundamentos da identidade, que funcionaria em favor da permanência dessas hierarquias (Butler:10)?

---

<sup>13</sup> ver texto na rede Homossexualidades e modos de vida. A Psicanálise e novas formas de conjugalidade

### Referências Bibliográficas

- ARÁN, M. (2001) O avesso do avesso: Feminilidade e novas formas de subjetivação. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, IMS / UERJ.
- BORCH-JACOBSEN. (1989) “Le sujet freudien, du politique à l'éthique”, in Cahiers Confrontation, 20. Paris, Aubier.
- BUTLER, J. (2003) Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade? Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- COLLIN, F. (2000) “Diferença e diferendo. A questão das mulheres na filosofia in História das Mulheres Século XX. Porto, Afrontamento.
- DAVID MENARD, M. (1998) As Construções do universal. Rio de Janeiro, Companhia de Freud.
- FOUCAULT, M. (1976) Histoire de la Sexualité v. 1 La Volonté de Savoir, Paris, Gallimard.
- \_\_\_\_\_ (1983) Qu 'est-ce qu'un auteur ? Littoral. Paris: Erés, n. 9, juin.
- FRAISSE, G. (1995) La différence de sexes, une différence historique in: l'Exercice du savoir et la difference des sexes Paris, Editions Harmattan.
- LACAN, J. (1966) La signification du Phallus. in Écrits. Paris, Seuil.
- \_\_\_\_\_ (1993) Seminário 20. Mais, Ainda. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- MENEGAT, M. (2003) Depois do fim do mundo. A crise da modernidade e a barbárie. Rio de Janeiro, Dumará.
- NERI, R. (1999) Modernidade: O encontro histórico da psicanálise com a histeria. Tese de Doutorado em Teoria Psicanalítica. Rio de Janeiro, UFRJ/ Instituto de Psicologia.
- \_\_\_\_\_ (2002) O encontro entre a psicanálise e o feminino: singularidade e diferença in Feminilidades (org. BIRMAN). Rio de Janeiro, Contra Capa.
- \_\_\_\_\_ (2003) Anti- Édipo/ Psicanálise: Um debate atual. Agora, volume IV número 1 Janeiro/ Junho de 2003, Rio de Janeiro. Contra Capa.
- RAJCHMAN, J. (1994 ) Eros e verdade. Lacan, Foucault e a questão da ética. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- ROUDINESCO, E. ( 2003) A família em desordem. Rio de Janeiro, Jorge Zahar
- SCHNEIDER, M. (2000) Genéalogie du Masculin, Paris, Aubier.
- SISSA, G. (2000) L`âme est um corps de femme, Paris, Odile Jacob.